



## **Cobertura jornalística das eleições presidenciais em 2010: Folha, Estadão e o dilema da explicitação de apoio <sup>1</sup>**

José Roberto Castro e SILVA <sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, MG

### **RESUMO**

A imprensa é um dos atores centrais dos processos eleitorais contemporâneos. Do ponto de vista ético, a pergunta fundamental é se ela deve ou não assumir posição explícita em favor de alguma das forças políticas em disputa e que conseqüências jornalísticas há quando ela o faz. O presente artigo analisa, por meio de análise de conteúdo, as coberturas efetivadas por *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* sobre as eleições presidenciais de 2010.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa; Democracia; Eleições 2010; Cobertura eleitoral; Enquadramento.

### **1- Introdução**

A cada quatro anos, os brasileiros vão às urnas para escolher quem ocupará o cargo mais importante do país: a Presidência da República. A campanha é milionária e envolve muitos interesses: o voto é disputado por candidatos cada vez mais acompanhados e, em certa medida, moldados por assessores de comunicação e de marketing. É no meio destes e de muitos outros fatores que a cobertura do processo eleitoral por parte da mídia tem papel preponderante no resultado do pleito. É na imprensa que, pelo menos teoricamente, os candidatos aparecem sem o controle sobre suas próprias imagens (controle que detêm em suas próprias propagandas).

É preciso dizer que os maiores veículos de comunicação deste país são privados e operam nos moldes capitalistas. Talvez por isso eles estejam sujeitos a fazer escolhas de acordo com os interesses particulares. Escolhas essas que, em tese, podem influenciar os enfoques da cobertura jornalística, que sofre com pressões internas ou externas.

Há variações significativas na cobertura jornalística de uma eleição quando um jornal anuncia explicitamente sua posição? Para dar conta dessa questão, apresenta-se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Orientado pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal, da Faculdade de Comunicação da UFJF.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 9º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF. E-mail: [joserobertocastros@gmail.com](mailto:joserobertocastros@gmail.com).



uma análise de conteúdo das coberturas realizadas por *O Estado de S. Paulo* (que anunciou apoio a José Serra) e pela *Folha de S. Paulo* (que manteve o discurso de neutralidade em relação às candidaturas) sobre as eleições presidenciais de 2010.

Busca-se apontar quais foram os enquadramentos majoritários utilizados por ambos para tratar das candidaturas presidenciais de Dilma Rousseff (PT) e de José Serra (PSDB), nas matérias publicadas entre 20 de setembro e 3 de outubro de 2010.

A imprensa deve se posicionar abertamente em apoio a algum candidato? Ou, em essência, esse posicionamento ocorre invariavelmente e o mais honesto a se fazer com o consumidor de informação é declarar o que pensa o jornal que ele lê?

Qual seria a diferença da cobertura - se é que ela existe - entre um jornal que se auto-intitula "apartidário e pluralista" (como a *Folha*), e um que assume abertamente sua preferência por um dos postulantes à Presidência (como o *Estadão*)?

## **2- As dificuldades na cobertura**

Uma abordagem canônica diria que a função de um jornal seria a de levar a verdade aos seus leitores. Jornalistas e manuais de redação trabalham com um conceito bem definido de verdade. Mas afinal, o que é a verdade? Como levá-la ao consumidor da notícia?

Utilizemos um exemplo mais concreto: uma batida de carro presenciada por dois focas de grandes jornais. No mínimo, cada um viu o acidente de um ponto de vista diferente e, por isso, podem ter impressões também diferentes sobre o ocorrido.

Na rotina dos repórteres isso não acontece de maneira tão simples. Eles dificilmente presenciariam juntos uma batida. Caso ela acontecesse, cada um chegaria em um horário diferente, um chegaria a tempo de ouvir um dos motoristas envolvidos, enquanto o outro ficaria apenas com o testemunho de pessoas que passavam pelo local. Isso se torna ainda mais complexo se levarmos em conta que, ao chegarem no local do acidente, o repórter do jornal *A* achou que deveria entrevistar o senhor *X* antes da senhora *Y*. Essa porção de acasos, fundidas aos preconceitos que cada ser humano tem em si, pode ser o começo da explicação para a diferença de enquadramento dos jornais no dia seguinte.

### **2.1- A verdade no jornalismo**

Os filósofos gregos começaram a buscar "a verdade" como um conceito oposto à falsidade, à ilusão e à aparência. Para eles, a verdade está no intocado, no



descobrimiento do ser, no autoconhecimento. Já os hebreus utilizavam o termo verdade para falar do tempo futuro, logo a verdade para eles não estava necessariamente ligada à realidade, mas ao conceito de oposição inicial criado pelos gregos. "Para o hebreu, verdadeiro é o fiel, aquele que cumpre a sua promessa" (FERRATER MORA, 1995, apud COUTINHO, 2004, p. 4).

O conceito de verdade dos latinos é o que mais se aproxima do utilizado no jornalismo nos dias de hoje. Se o conceito hebreu remete ao futuro e o grego ao presente, o conceito latino remete ao passado. O conceito era sempre aplicado e só era válido quando podia ser comprovado.

Mas e no jornalismo? A noção de recorte de realidade vai de encontro aos conceitos de verdade produzidos pelos filósofos supracitados. Fica claro aos nossos olhos que a verdade do jornalismo, que podemos chamar de “verdade possível” em situação ideal, em muito se difere da verdade absoluta e incontestável das teorias.

"O repórter é um curioso movido permanentemente pelo desejo de saber o que acontece e de entender porque aconteceu. Se não for assim está na profissão errada. E não basta querer saber: é preciso saber tudo, e ter a obstinação de saber certo" (GARCIA, 1992, p.11, apud COUTINHO, 2004, p. 13), segundo define, com certa pretensão e vaidade, o Manual de Redação de *O Globo*.

Partindo do pressuposto de que a notícia “é um relato, não o fato” (LUSTOSA, 1996, apud COUTINHO, p.13), pode-se concluir que o material que chega aos leitores é um recorte de realidade, a verdade vista pelos olhos do repórter. Logo, em uma situação ideal, a notícia é o recorte mais realista que o profissional descrito acima conseguiu de uma determinada situação.

A limitação de espaço e a descontextualização são fatores que distanciam o material jornalístico do conceito de verdade absoluta.

## **2.2- Objetividade no jornalismo: teorias do jornalismo em disputa**

Em muitas leituras consideradas básicas no estudo do jornalismo, o conceito de objetividade vem sempre relacionado à ética. Exemplos disso são Schudson (1978, apud KNOLL 2010, p. 4) e Lippmann (1922, apud KNOLL 2010, p. 4), que colocam objetividade em contradição com subjetividade e encaram-na como um problema ideológico e moral que afetaria também outras áreas. Os dois autores compactuam com a discussão já citada sobre a incapacidade de acesso a uma realidade completa.



Schudson acredita que o problema é ético porque caberá ao jornalista escolher qual a parte mais interessante e Lippmann ressalta que este seria um problema de como a realidade é interpretada. Outros autores, como Azevedo (2000, apud KNOLL 2010, p. 4) e Tuchman (1993, apud. KNOLL 2010, p. 4) acrescentam que a falta de independência em relação às verbas publicitárias, por exemplo, é outro fator que interfere na busca pela objetividade jornalística.

Segundo Stephanie Martin (2004, apud. KNOLL 2010), o conceito de objetividade depende de seu antônimo para ser explicado. Sem a subjetividade fica difícil entendermos a objetividade. Searle (2000) propõe um teste relativamente simples para caracterizarmos o que é objetividade e o que é subjetividade no jornalismo. A proposta é que recebamos as sentenças e tentemos julgá-las enquanto verdadeiras ou falsas.

Mas é possível, no universo da linguagem, que nunca é neutra, abster-se de juízos de valor, explícitos ou implícitos? O debate sobre objetividade remete, fundamentalmente, à diversidade de valores sobre o que seja o próprio jornalismo. O que ele é e para que ele serve? Estas são as duas principais perguntas às quais as teorias do jornalismo vêm tentando responder ao longo dos anos.

Nelson Traquina (2005, p. 20) desenvolveu um dos mais respeitados estudos sobre as teorias do jornalismo publicado em língua portuguesa. Em uma definição simplista, mas verdadeira, o professor português disse que é notícia aquilo que responda às perguntas mais importantes de um maior número de pessoas.

Para tentar entender melhor o fazer jornalísticos, surgiram as teorias do jornalismo. A Teoria do Espelho é a mais antiga delas e sua principal característica é o fato de que o fazer jornalístico é colocado de maneira um tanto quanto radical. Fazendo jus ao nome: nesta teoria as notícias são meros reflexos da realidade e pouco cabe ao jornalista fazer. O jornalismo é um espelho que reflete a realidade àqueles que não a presenciaram.

Ser jornalista é escrever a verdade. É central nessa teoria a ideia de que o jornalista é uma pessoa desinteressada do fato e que não deixa suas emoções influenciarem nem minimamente em seu dever de informar a verdade dos fatos.

Tempos depois, surgiram teorias que percebiam melhor as dificuldades encontradas pelo jornalista no dia a dia. As teorias de construção social da notícia surgiram na década de 1970, época em que o estudo das teorias do jornalismo avançou bastante. As teorias construcionistas avançam em vários pontos desta discussão. Elas,



inclusive, afirmam que o papel do jornalista é, se pensarmos de maneira simplificada, contar uma estória, desde que se procure não distorcer os fatos. Ser estória não quer dizer que seja falso.

As novas teorias afirmam também a impossibilidade da imparcialidade completa com base no argumento de que a linguagem é parcial. Ao escrever uma matéria ou narrar uma estória, como preferirem, o jornalista expressa, mesmo que involuntariamente, opiniões e tendências. Inferências reveladas pelos métodos de análise de discurso podem ser usadas para comprovar isso.

O fenômeno mais impressionante no jornalismo ocidental, tanto na práxis como na teoria, é a fé metafísica obstinada e conservadora de que a linguagem é transparente. Ou, de outra forma: o erro assenta na recusa dos jornalistas, mas também dos estudantes de jornalismo, em situar a profissão onde essa pertence, isto é, no contexto de expressão humana da atividade expressiva. É a recusa em lidar com a escrita das notícias por aquilo que é na sua essência – contar estórias. (ROEH, 1989, p.162, apud TRAQUINA, 2005, p.170).

A questão é especialmente relevante na discussão da cobertura política, que, por sua natureza, já é uma das mais controversas. Se, como vimos anteriormente, em uma batida de carro a verdade não é absoluta, imagine em um campo que lida diretamente com preferências ideológicas das pessoas. É impossível, na maioria das vezes, apontar, sem controvérsias, qual a melhor política a ser adotada na economia, na área social ou na segurança pública. Daí podemos começar a perceber as dificuldades e os conseqüentes problemas envolvidos na cobertura da política.

### **3 - As eleições para presidente no Brasil em 2010: Autoritários *versus* o PIG**

O contexto da disputa foi de intensa polarização e não apenas entre os candidatos Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT) e José Serra do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Também as relações entre o governo petista e a grande imprensa estavam tensas. À medida que a análise dos jornais que constituem o objeto da monografia – o *Estadão* e a *Folha* – se dará num período específico da campanha, próximo ao fim do primeiro turno das eleições, de 20/09 até 03/10, dia do pleito. Nesse momento, dominaram a agenda política e a cobertura dos grandes jornais denúncias de corrupção envolvendo o governo.

Além da tensão entre os candidatos, a imprensa era acusada pelo governo de tentar favorecer a candidatura da oposição. O próprio presidente Lula fez pesadas



críticas em comícios. A partir das declarações do presidente, alguns partidários do PT, usando o termo criado pelo jornalista Paulo Henrique Amorim, começaram a se referir aos órgãos de imprensa como o Partido da Imprensa Golpista (PIG).

A imprensa diversas vezes retrucou dizendo que estava fazendo apenas seu papel de denunciar e que o governo Lula não sabia lidar com as críticas: nesse argumento, o governo e o PT seriam autoritários.

A Associação Nacional dos Jornais, entidade que representa os maiores jornais do país, lançou nota criticando duramente o presidente e afirmando que Lula desconhecia o papel da imprensa nas sociedades democráticas.

A partir daí, o que não faltou foram manifestações ácidas de ambas as partes. A rivalidade era clara e os ânimos estavam acirrados: ‘Golpistas’ versus ‘Autoritários’, nas expressões que uns utilizavam contra os outros. Num ambiente marcado por este conflito explícito, como se deu a cobertura do processo eleitoral por parte de grandes veículos, como *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*?

Os dois jornais divulgaram, no domingo dia 26/09, editoriais criticando a postura de Lula. Apesar das críticas, o discurso sobre uma suposta preferência pelo candidato de oposição era bem diferente. Na capa de sua edição de domingo, a Folha reafirmou seu apartidarismo.

Esta Folha procura manter uma orientação de independência, pluralidade e apartidarismo editoriais, o que redundará em questionamentos incisivos durante períodos de polarização eleitoral. Quem acompanha a trajetória do jornal sabe o quanto essa mesma orientação foi incômoda ao governo tucano. (*FOLHA DE S. PAULO*, 26/09/2010, p.01)

Já o Estadão, além de criticar Lula com veemência, admitiu seu posicionamento e declarou apoio ao candidato Serra.

Com todo o peso da responsabilidade à qual nunca se subtraiu em 135 anos de lutas, o Estado apoia a candidatura de José Serra à Presidência da República, e não apenas pelos méritos do candidato, por seu currículo exemplar de homem público e pelo que ele pode representar para a recondução do País ao desenvolvimento econômico e social pautado por valores éticos. (*O ESTADO DE S. PAULO*, 26/09/2010, p. A03)

O posicionamento dos jornais pode ser explicado pela história dos dois periódicos. *O Estadão* sempre adotou uma postura mais combativa, enquanto a *Folha* tenta assumir a bandeira da pluralidade. Werneck Sodré (1999) lembra que desde o nascimento *O Estado* apoia causas e a primeira dela foi a campanha pela proclamação da República. O jornalista José Alfredo Vidigal Pontes (2011), lembra de outros



episódios em que o *Estado* se manifestou: a Revolução Constitucionalista de 1932, Estado Novo e Golpe de 1964.

Já a *Folha*, durante a reforma editorial implantada na década de 1980, adotou o apartidarismo como bandeira (LINS DA SILVA, 2005). O Manual da Redação (2001) fala em um jornalismo crítico, plural e apartidário. O jornal foi criado em 1921 e teve vários donos antes de cair nas mãos da família Frias, que implantou esta linha editorial que rege as coberturas do jornal ainda hoje.

O fato de *O Estado de S. Paulo* ter declarado apoio a um candidato influenciou em seu noticiário? *A Folha de S. Paulo* foi mesmo apartidária na cobertura da eleição?

Analisando as coberturas dos dois veículos, entre os dias 20 de setembro e 3 de outubro, este estudo pretende apontar quais foram as semelhanças e as diferenças existentes entre elas. Até que ponto o fato de um dos jornais ter declarado a preferência por um determinado candidato influenciou na cobertura? É o que se discute à frente.

#### **4- Metodologia**

O método utilizado para a análise do conteúdo foi desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Opinião Pública (Doxa) para quantificar, qualificar, classificar e comparar as aparições de candidatos em diferentes meios de comunicação impressos.

No método, cada aparição do candidato é registrada e classificada de acordo com uma série de fatores que auxiliarão na análise posterior dos dados. A planilha de coleta de dados, aplicada ao conteúdo diário pela equipe do Doxa, consiste em: identificação, tema, enquadramento, visibilidade e valência.

O método de análise é bastante amplo, contemplando pontos como, por exemplo, análise de fotos, charges e infográficos e dando valor às aparições de acordo com seu posicionamento no jornal e tamanho da reportagem. Estes quesitos não serão utilizados por este trabalho.

O que este estudo pretende observar é a aparição dos candidatos Dilma Rousseff e José Serra, ou de fatos diretamente ligados a eles, nos cadernos de política. As informações veiculadas em outros setores do jornal serão ignoradas por este estudo por impossibilidade de classificação de todo o material, sem grandes prejuízos ao resultado.

Os personagens que serão observados nas coberturas são Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT), e José Serra que pleiteava a Presidência representando o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). As notícias



envolvendo o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva também serão estudadas uma vez que é impossível desvincular a imagem do governo e de Lula da imagem da candidata Dilma. Notícias sobre outros candidatos só serão analisadas e classificadas quando fizerem menção a algum dos candidatos ou quando Lula ou seu governo forem citados.

A metodologia utilizada não permite que sejam computadas menções indiretas a qualquer dos candidatos ou a governos. Por exemplo, não é possível apontar relação clara de um artigo publicado no *Estadão* que trata da deterioração dos valores democráticos e das instituições na Venezuela sob o governo de Hugo Chávez como sendo uma crítica ao governo Lula.

Os quesitos analisados são: título, data, página, formato, posicionamento e veículo; personagem e tema; enquadramento, visibilidade de cada um dos personagens e valência para as campanhas. Os seis primeiros quesitos, entre título e veículo, servem apenas para a identificação das entradas .

**Personagem:** em personagem existem três opções: Dilma, Serra e Lula. Lula também será o personagem da matéria quando a notícia for sobre seu governo.

**Temas:** A campanha foi marcada por alguns temas como aborto, caso Erenice Guerra, a briga de Lula com a imprensa etc. Os temas permitem acompanhar com mais facilidade a sequência de um caso e comparar a cobertura feita por dois jornais diferentes.

**Enquadramentos:** Os enquadramentos são classificados de acordo com a natureza da matéria em: corrida de cavalos (quando a notícia trata de pesquisas, análises das chances de cada candidato, possibilidades de resultados etc.); personalista (quando a matéria faz um perfil ou conta uma trajetória); temático (quando temos tratamento substantivo de algum assunto); e episódico (que trata dos fatos, acontecimentos e agendas).

**Visibilidade:** é o número de vezes que cada um dos personagens aparece na matéria.

**Valência:** permite classificar cada uma das aparições dos candidatos em positiva, negativa ou neutra. Entendendo as dificuldades de se fazer esta classificação e seu grau de subjetividade o Doxa fixou alguns parâmetros.

Procurando contornar a dificuldade de avaliar a presença de intenção ou viés em cada peça jornalística, o que daria margem a uma variedade de interpretações subjetivas, optamos por verificar se a informação ou opinião veiculada, em si, é positiva ou negativa para o candidato, independente do propósito de prejudicar um ou outro. (ALDÉ, MENDES E FIGUEIREDO, 2007, p. 158)

Em caso de equivalência entre informações favoráveis e desfavoráveis a um determinado personagem, a matéria é considerada neutra. Em caso de pesquisa de



intenção de voto, o que será levado em conta será apenas o resultado para a candidatura. Outros casos são melhor explicitados pelos autores.

## 5- A Cobertura das eleições 2010

Os dois jornais dedicaram grande espaço para a cobertura da eleição para o principal cargo do país. *O Estado de S. Paulo* publicou as matérias no primeiro caderno do jornal, onde geralmente já publica seu noticiário de política. Já a *Folha* criou um caderno especial chamado “Eleições 2010”.

A análise da cobertura começa numa segunda-feira, dia 20 de setembro de 2010 e vai até o domingo 03 de outubro, dia das eleições em primeiro turno. Durante o período, as pesquisas indicavam uma importante possibilidade de que Dilma Rousseff vencesse as eleições em primeiro turno. Candidata da situação, líder nas pesquisas de opinião, Dilma se tornou alvo preferencial de adversários. Ataques esses que foram sistematicamente reproduzidos nos jornais analisados.

Os temas mais debatidos na imprensa eram: corrupção na Casa Civil; aborto; Lula versus imprensa; e violação de sigilo fiscal. Todos eram constrangedores à campanha petista. Isso explica em parte o fato de que seu nome ter sido muito mais citado que o de José Serra: foram 1211 aparições do nome de Dilma, contra 796 vezes o nome de Serra.

Mas Dilma não foi só mais citada que Serra, ela foi mais criticada também. Mesmo se resolvêssemos ignorar as críticas ao governo Lula, o candidato do PSDB teria proporcionalmente menos aparições negativas e mais aparições positivas.

Dentre as matérias em que foi avaliado, Serra tem 40,55% das aparições positivas e 30,76% de negativas. Se formos considerar Dilma sem Lula, a candidata tem 24,73% de avaliações positivas e 44,21% de negativas. Somadas às matérias que têm Lula como personagem, os números passam para 20,86% de aparições com classificação positiva e 53,95% com classificação negativa.

Candidato	Positivas	Negativas	Total	% Positivas	% Negativas
Dilma (sem Lula)	47	84	190	24,73%	44,21%
Dilma (total)	58	150	278	20,86%	53,95%
Serra	58	44	143	40,55%	30,76%



As denúncias e polêmicas foram se sucedendo. No início, o caso Erenice Guerra. Depois passamos pela troca de acusações entre Lula e a imprensa, por denúncias de que uma TV estatal estaria filmando comícios de Dilma, por um suposto tráfico de influência do ministro Franklin Martins, aborto etc. Tudo isso sempre esmiuçado pelos dois jornais que se mostravam orgulhosos de estar cumprindo seu papel.

Folha fez cobertura crítica de Sarney, Collor, Itamar, FHC e Lula. Ataques do atual presidente à imprensa, feitos após a revelação de esquemas de tráfico de influências e corrupção na Casa Civil, ecoam críticas de antecessores, que sempre reclamaram da fiscalização da mídia. (Folha de S. Paulo, 28/09/2010, p. Es6 e Es7)

Estes eram título e subtítulo de uma reportagem que ocupava duas páginas no caderno de Eleições da *Folha* em 28 de setembro. Nessa reportagem a *Folha* apontava matérias críticas que fez em outros governos e elencava as acusações que recebeu por estas denúncias.

Houve denúncias sobre José Serra? Sim, mas em um número bastante menor. Mesmo que Serra fosse mais honesto que Dilma, a cobertura apresenta incoerências. Uma delas é que as poucas denúncias foram menos exploradas. Exemplo disso se deu quando o tucano foi flagrado pela reportagem da *Folha* conversando com o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, no dia de um julgamento importante para a eleição, chamando-o de “meu presidente”.

Dos 327 textos analisados, entre notas, reportagens, artigos, análises e entrevistas (164 textos de *O Estado de S. Paulo* e 163 da *Folha de S. Paulo*), muitos trataram de embates entre os candidatos – principalmente Dilma, mas não apenas ela – e os veículos de comunicação. A discussão aconteceu por conta de matérias publicadas pela *Folha* sobre o passado de Dilma no governo do Rio Grande do Sul e a administração tucana em São Paulo.

A *Folha* publicou as críticas que recebeu de Dilma e de Serra. Dilma disse no dia 21/09 que “queria fazer um protesto veemente contra a parcialidade do jornal *Folha de S. Paulo*” e que a matéria publicada anteriormente era “parcial e de má fé”. Por entender que o jornal deu voz a Dilma e que ela pode expor seus argumentos sem que o periódico os desqualificasse, a matéria recebeu valência positiva para Dilma.

Apesar de receber críticas com menos frequência, José Serra reagiu a elas de forma mais enérgica. No dia 29 de setembro, a *Folha* publicou a matéria “Serra reclama de questão sobre sua estratégia de campanha” em que narrava fatos acontecidos em uma



coletiva no dia anterior em Salvador. Serra teria se irritado com a pergunta do repórter da *Folha* e acusou o jornal de mentir em uma denúncia feita dias antes. “A Folha fez a seguinte questão a Serra: ‘Candidato, nesses últimos dias de campanha, qual deve ser [sua] estratégia?’ O tucano respondeu: ‘Certamente não é perder tempo com a matéria mentirosa como a que você fez’.” (*FOLHA DE S. PAULO*, 29/09/2010, p. Es01)

Pelos dados obtidos com a análise é possível apontar quais foram os temas que mais apareceram no noticiário. Pelos jornais, podemos perceber que o primeiro turno do pleito apresentou pouca discussão temática e pouco debate de propostas. Isso apareceu inclusive no noticiário dos jornais nos últimos dias de análise. A *Folha* lançou matéria com o título “Campanha não teve discussão de propostas”. Pelos dados coletados, o tema que mais apareceu no noticiário foi “Campanha Eleitoral”, com 203 notícias em um universo de 327, abarcando a agenda dos candidatos, pesquisas eleitorais, o bate-boca tradicional entre as candidaturas. Temas que não apareceram novamente no noticiário também foram classificados assim.

O segundo tema mais citado foi o caso de “Corrupção na Casa Civil”, com 35 notícias. Seguido da polêmica discussão entre o presidente Lula e a imprensa com 33 aparições. Para se fazer uma comparação, a discussão sobre o aborto apareceu em 8 matérias. Por este dado é possível perceber que o debate foi superficial, as promessas rasas e as acusações eleitoreiras predominaram no pleito.

### **5.1 A cobertura da *Folha de S. Paulo***

Na cobertura da disputa em 2010, o jornal dispensou duas páginas em seu caderno sobre eleições. No dia 22/09, logo no início da polêmica com o presidente, o jornal publicou pesquisa feita pelo Datafolha que apontava que a cobertura que o jornal fazia das eleições contava com a aprovação de seus leitores. Com o título “Leitores aprovam cobertura de Folha sobre acusações” (p. Es5), a matéria reafirmava a posição do jornal e tentava mostrar que as atitudes eram referendadas pelo consumidor de informação.

O jornal comprou a briga com o presidente Lula, atacou, mas também publicou respostas do presidente, de Dilma e de seus aliados acusando a imprensa, inclusive a *Folha*, de parcialidade. Como a do deputado Cândido Vaccarezza.

Vou dar um exemplo de partidarismo. Gosto muito da Folha, mas a Folha fez duas manchetes que, se não tivesse eleição, não faria. ‘Dilma dá um



prejuízo de R\$ 1 bilhão aos consumidores de energia’, e a matéria não tinha nada a ver com essa manchete. E ‘Filho do braço direito de Dilma fez lobby’. Uma manchete dessas, se não tivesse partidatismo, não sairia. (FOLHA DE S. PAULO, 01/10/2010, p. ES16)

Algumas matérias chamaram a atenção. Uma delas é a entrevista do jornalista e professor de comunicação Eugênio Bucci. O curioso é o fato de os dois jornais concorrentes terem publicado no mesmo dia entrevistas com Bucci. As duas falavam em liberdade de imprensa, apesar de a do *Estadão* não ter sido incluída no estudo porque não citava nenhum dos personagens. O fato de os dois jornais terem escolhido Bucci remete a uma prática conhecida no jornalismo: a escolha de fontes das quais já se sabe, de antemão, que posição irá vocalizar.

A cobertura da *Folha* nas duas semanas apresentou 163 notícias sobre Dilma Rousseff e José Serra. O tucano foi personagem de 69 matérias. Em 30 delas ele dividia o protagonismo do texto com Dilma. Além destas 30 matérias, Dilma foi tema de 54 notícias. Notícias sobre Lula e seu governo, cuja avaliação é computada para Dilma, foram 41.

Dilma foi mais citada, avaliada em mais matérias e teve mais classificações negativas que José Serra. A candidata do PT teve 50,74% de aparições negativas e 20,14% de positivas. Já Serra teve 35,89% de aparições negativas e 34,61% de positivas.

Candidato	Positivas	Negativas	Total	% Positivas	% Negativas
Dilma	27	68	134	20,14%	50,74%
Serra	27	28	78	34,61%	35,89%

A notícia pode ainda ser classificada de acordo com o enquadramento: como temática, episódica, corrida de cavalos ou personalista, como foi explicado na metodologia. A cobertura do periódico ficou dividida da seguinte maneira: 49,69% de matérias episódicas; 30,06% dos textos eram temáticos, ou seja, discutiam temas de maneira mais profunda; 15,95% eram pesquisas eleitorais, repercussão de pesquisas ou projeções de situações de votos, classificados como “corrida de cavalos”; e 4,29% eram textos que traçavam perfis ou contavam a história de alguém.



Enquadramento	Total Folha	Total Estadão	% Folha	% Estadão
Episódico	81	94	49,69%	57,31%
Temático	49	37	30,06%	22,56%
Corrida de cavalos	26	29	15,95%	17,68%
Personalista	7	3	4,29%	1,82%

A *Folha* apresentou, percentualmente, um número maior de matérias com enquadramento temático que seu concorrente. Essas matérias, por não serem factuais, tendem a ser mais facilmente manipuláveis no sentido de que publicá-las ou não fica a cargo inteiramente do jornal.

Nesse enquadramento, em 38 matérias em que Dilma é avaliada, 27 são negativas, ou seja, 71,05% do total. Para Serra o número é 55%. Nas classificações positivas, os números dos candidatos se parecem: 13,15% para Dilma, contra 15% para Serra.

## 5.2- A cobertura de *O Estado de S. Paulo*

É certo que o jornal fez uma cobertura crítica durante todo o governo Lula e não mudou sua linha durante a eleição. Denúncias foram feitas ou reproduzidas pelo *Estadão*.

Um suposto caso de tráfico de influência envolvendo o então ministro de Comunicação Social, Franklin Martins, e o filho dele ganhou espaço razoável nas páginas de política. No dia 23/09, o *Estadão* publicou o outro lado com a resposta da empresa envolvida. Um fato chama atenção na matéria. Lula e Dilma são atacados sem que tenham relação direta com a matéria.

O presidente da Tecnet, jornalista Amilcare Dallevo Junior, chamou a reportagem de “factoide” – expressão comumente usada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a candidata Dilma Rousseff (PT) para classificar as notícias que desagradam ao governo. (*O ESTADO DE S. PAULO*, 23/09/2010, p. A6)

A junção destes fatores fez com que a matéria, que teoricamente seria destinada a dar voz ao outro lado, fosse considerada negativa para o personagem acusado.

Outra matéria a ser citada é uma entrevista publicada em 3 de outubro. Ela fecha a cobertura eleitoral do jornal no primeiro turno e tem a chamada: ‘País corre, sim, o



risco de cair no autoritarismo’ (*O ESTADO DE S. PAULO*, 03/10/2010, p. H26). Nela, o historiador Bóris Fausto alertava para os perigos de um possível governo Dilma.

No *Estadão*, o nome da petista aparece 653 vezes nas 164 matérias avaliadas. Serra aparece 431 vezes. O presidente Lula foi citado 345 vezes. A avaliação de Dilma no *Estado de S. Paulo* também é majoritariamente negativa com 56,94%, contra 19,4% de José Serra. As positivas são 22,22% do total, enquanto para Serra são de 46,26%.

Candidato	Positivas	Negativas	Total	% Positivas	% Negativas
Dilma	32	82	144	22,22%	56,94%
Serra	31	13	67	46,26%	19,4%

É válido ressaltar que o candidato do PSDB é avaliado negativamente pelo *Estadão* em 13 oportunidades. Em cinco delas, a avaliação é negativa por conta de declarações de Dilma criticando o candidato. Em outras duas, a crítica é feita aos dois principais candidatos à presidência. Outras duas críticas vêm de Marina Silva, interessada em ultrapassar o tucano e disputar o segundo turno. Uma avaliação negativa é por causa de uma matéria publicada no exterior, outra é resultado de pesquisa eleitoral. E somente em duas das 13 as matérias falam diretamente de Serra. As matérias negativas são sobre o suposto telefonema entre ele e o ministro do STF Gilmar Mendes. É nítido que Serra foi pouco criticado.

É possível perceber também que o principal alvo do *Estadão* foi o presidente Lula e seu governo, com 80,25% de matérias negativas e 10,63% de positivas

### **Considerações finais**

Os jornais analisados tiveram discursos similares em alguns aspectos – ambos foram mais críticos a Dilma do que a Serra. A *Folha*, que prometeu cobertura apartidária, privilegiou o ataque ao governo e à candidata da situação, tal como o *Estadão*. A diferença entre ambos, contudo, manifestou-se principalmente no fato de o *Estadão* ter declarado explicitamente apoio à oposição, e de sua cobertura ter poupado completamente seu escolhido de qualquer crítica – o periódico também apresentou um discurso, às vezes, raivoso contra o governo.

Alguns dirão que o *Estadão* foi mais honesto com seu leitor e que quem lia suas reportagens sabia do posicionamento da empresa. Outros argumentarão que o papel



da imprensa é fazer uma cobertura imparcial, fiscalizar e denunciar tudo que for de interesse público e não escolher um dos candidatos.

O fato é que os dois jornais foram mais duros nas críticas à candidata Dilma Rousseff. É preciso ressaltar que as polêmicas em torno da candidatura de Dilma foram mais exploradas pela imprensa. As poucas denúncias contra o candidato José Serra não foram divulgadas com a mesma intensidade, principalmente por parte do *Estadão*.

A *Folha* criticou mais intensamente Dilma, mas também criticou Serra. Apresentou enquadramentos de modo mais equilibrado (o que dificulta, numa visão superficial, uma identificação mais evidente de suas preferências) e publicou críticas feitas pelos candidatos ao jornal. O *Estadão* foi mais explícito e radical na explicitação de suas posições: criticou Dilma e, principalmente, criticou o presidente Lula e seu governo, poupando completamente José Serra.

## REFERÊNCIAS

ALDÉ, Alessandra; MENDES, Gabriel; FIGUEIREDO, Marcus. Tomando partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006. In: Encontro da Compós, **Anais**. Curitiba, 2007.

COUTINHO, Iluska. O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo. **São Bern@rdo.com.br**: Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. n.1, 2004.

FOLHA DE S. PAULO, **Manual da Redação**. São Paulo: Ed. Publifolha, 2001.

KNOLL, Gabriel de O. Pereira. Conceito de Objetividade no Jornalismo: uma retomada para a historicidade do conceito a uma definição filosófico-jornalística com base nas pesquisas de Stephanie Martin. In: INTERCOM SUL, **Anais**. Novo Hamburgo, 2010.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Mil dias**: Seis Mil Dias Depois. São Paulo: Ed. Publifolha, 2005.

PONTES, José Alfredo Vidigal. **Histórico do Grupo Estado**. Disponível em [www.estadao.com.br/histórico](http://www.estadao.com.br/histórico). Acesso em 30/05/2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.